

# FORMAÇÃO DE DUAS JOVENS ESPOSAS

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i28p66-82>

**Gloria Carneiro do Amaral**

Universidade de São Paulo (USP) /  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

## RESUMO

O ensaio enfoca o processo de construção do romance *Mémoires de deux jeunes mariées*, de Honoré de Balzac. Especial atenção é dispensada à correspondência de duas jovens aristocratas francesas da época da Restauração, Louise de Chaulieu e Renée de Maucombe, que trocam ideias sobre suas respectivas vidas afetivas e casamentos, depois de anos de convivência num convento de carmelitas, na qualidade de alunas internas. O objetivo principal do romancista consiste numa discussão sobre o casamento, tal como visto na época, e sobre duas perspectivas de amor – o afeto conjugal e a paixão – em suas relações com aquela instituição.

## ABSTRACT

*This essay focuses on the building process of the novel Mémoires de deux jeunes mariées, by Honoré de Balzac. A special attention is given to the correspondence between two young aristocratic, French women of the Restoration period, Louise de Chaulieu and Renée de Maucombe, who exchange views about both of their respective affective lives and marriages after years of living together in a convent of Carmelitas, as intern students. The main goal of the writer consists on a discussion about wedding, as it was perceived at that time, and about two perspectives on love – conjugal affection and passion – and its relationships concerning the institution.*

## PALAVRAS-CHAVE:

*Mémoires de deux jeunes mariées;*  
Balzac;  
Formação Feminina;  
Correspondência;  
Instituição do Casamento.

## KEYWORDS

*Mémoires de deux jeunes mariées;*  
Balzac;  
Female formation;  
Correspondence;  
Wedding institution.

O romance de Honoré de Balzac, *Mémoires de deux jeunes mariées*, saiu em folhetim, no jornal *La Presse*, entre 26/11/1841 e 15/01/1842, seguindo-se a publicação em livro em março de 1842, com dedicatória a George Sand e um prefácio do escritor que não figurava no folhetim. No conjunto da *Comédia Humana*, insere-se nas *Cenas da vida privada*. Podemos de imediato lembrar um “importante critério distintivo”, segundo Marcus Mazzari<sup>1</sup>, estabelecido por Wilhelm Dilthey, um dos primeiros a delinear teoricamente o *Bildungsroman*, para inserir um romance na categoria de formação: “Esses romances de formação expressam assim o individualismo de uma cultura restrita à esfera da vida privada” (apud MAZZARI, 2010, p.101)

Como aponta Paulo Rónai<sup>2</sup>, achando um pouco injusto, não se trata de um romance muito estudado. Alain (1868-1951), grande apreciador do romancista, afirma que “ce chef-d’oeuvre vaut par la perfection du détail”<sup>3</sup> e fecha seu artigo, que gira em torno da personagem Louise de Chaulieu, de forma ainda mais elogiosa: “On ne peut guère citer de roman mieux fait que celui-là, et qui, dans un bavardage si riche, compte des silences plus émouvants, de ces silences où l’on entend venir le malheur”<sup>4</sup>. André Gide considera-o “um livro confuso e pastoso”, mas que, ao mesmo tempo, apresenta “lineamentos de uma obra-prima”<sup>5</sup>. A Georg Brandes<sup>6</sup>, crítico dinamarquês, parece chocante a oposição de sensualidade e de ascetismo apresentada no romance. De qualquer forma, não se trata de uma obra muito visitada: de 2000 a 2017, há só dois artigos consagrados ao romance na revista de publicação anual, *Année Balzacienne*.

Em carta a Madame Hanska (26/10/1834), o romancista classifica a narrativa de “composição deliciosa”, destinada a revelar “os últimos lineamentos do coração humano”.

O romance começa a ser mencionado nessa correspondência por volta de 1834, o que nos permite calcular uma elaboração de cerca de sete

<sup>1</sup> In: MAZZARI, Marcus Vinicius. Labirintos da aprendizagem: pacto fáustico, romance de formação e outros temas de literatura comparada. São Paulo: Editora 34, 2010.

<sup>2</sup> Ver: RONAI, Paulo. Introdução. In: BALZAC, Honoré de. A comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida privada. São Paulo: Globo, 2012. pp. 267-272.

<sup>3</sup> “Esta obra-prima vale pela perfeição do detalhe”, (ALAIN, 1999, p.82. In: ALAIN. Louise de Chaulieu. In: Balzac. Paris: Gallimard, 1999, pp.82-85).

<sup>4</sup> “Não se pode conceber romance melhor elaborado do que este, e que, meio a uma loquacidade tão rica, apresenta os silêncios muito comoventes, silêncios em que se ouve aproximar o infortúnio”. (ALAIN, 1999, p.85)

<sup>5</sup> apud RÓNAI, 2012, p.27.

<sup>6</sup> Georg Brandes (1842-1927) crítico dinamarquês e acadêmico, influente na literatura escandinava.

anos. Esta lenta elaboração revela, em seu caminho, mudanças de perspectiva que podemos observar já a partir de três títulos sucessivos que indicavam uma só personagem - *Mémoires d'une jeune femme*, *Mémoires d'une jeune mariée*, *Mémoires d'une jeune fille* - até chegar ao título definitivo, *Mémoires de deux jeunes mariées*.

O romance narra a trajetória de duas jovens, Louise de Chaulieu e Renée de Maucombe, que estiveram juntas durante vários anos num convento das carmelitas. Ficaram grandes amigas, "des soeurs d'élection", para usar um termo que aparece mais de uma vez no romance, e trocavam as mais íntimas confidências sobre a vida, suas aspirações e seus sentimentos. Inicia-se quando as duas jovens saem do convento, passam a viver separadas, o que as leva a encetar uma correspondência para continuar o relacionamento e a troca de idéias.

As duas jovens se preparam para a vida em sociedade o que significa encaminhar-se para o casamento. Estamos assim diante de um tema caro a Balzac e podemos inclusive lembrar uma afirmativa de Otto Maria Carpeaux, que atribui a essa perspectiva a função de um divisor de águas na trajetória da forma romanesca:

Os romances antes de Balzac terminam com o casamento; os romances de Balzac começam com o casamento que lança os fundamentos de uma nova firma. (Carpeaux, 1963, p.2119)<sup>7</sup>

Acrescentemos que ambas as personagens iniciam suas trajetórias sem o grande trunfo do casamento no período de 1823-35, no qual se passa o romance: o dote.

Na primeira carta de Louise, já a vemos às voltas com a situação financeira da família, da qual toma conhecimento de forma curiosa, através do velho mordomo que, ao ver seu espanto diante das salas desguarnecidas do espaço ocupado pela avó, lhe diz que, para restaurá-las, espera-se a lei que devolverá aos emigrados suas antigas fortunas. A avó deixara-lhe considerável herança; mas sua saída do convento veio alterar os planos familiares. Numa conversa de recepção, digamos assim, o pai participa-lhe que essa herança será destinada a estabelecer seu segundo irmão e que ela ficará com uma quantia para se sustentar por um ano. Situação colocada imediatamente após sua chegada, com todas as cifras explicitadas, em bom estilo balzaquiano.

Não muito diferente é a situação de Renée que também fica sem dote por causa do irmão caçula. Seu único trunfo é pertencer a uma família nobre, o que lhe abre as portas para casar-se com um vizinho de posses.

---

<sup>7</sup> In: CARPEAUX, Otto Maria. História da literatura ocidental. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 1963. vol. V

Analisa a situação com bastante lucidez, fazendo-se porta-voz da opinião de Balzac sobre a questão:

Voilà comment les familles nobles de la Provence éludent l'infâme Code civil du sieur de Buanaparte, qui fera mettre au couvent autant de filles nobles qu'il en fait marier. La noblesse française est d'après le peu que j'ai entendu dire à ce sujet, très divisée sur ces graves matières<sup>8</sup>. (p.64)<sup>9</sup>

Assim, devidamente espoliadas, iniciam as duas jovens seus passos na sociedade e a narrativa, gradativamente, centraliza-se na oposição entre o casamento e a paixão, a qual inviabilizaria uma união nos moldes propostos pela sociedade. Com esta tese a ser analisada, percebe-se porque o romance que, nos seus primórdios, estruturava-se em torno de uma só personagem, introduz uma segunda para criar a dinâmica de dois pontos de vista acintosamente conflitantes. A realização de Louise de Chaulieu projeta-se numa busca incessante pelo amor paixão e Renée de Maucombe, após a saída do convento, mergulha instantaneamente num casamento de conveniência articulado pela família e baseado num pacato e comedido afeto conjugal. Sob pontos de vistas opostos, as duas protagonistas empreendem um aprendizado de inserção na sociedade, o que nos coloca diante de um romance de formação, de enunciação feminina.

Atentemos para dois princípios que Marcus Mazzari aponta como “fundamentais” no romance de formação - a “poesia do coração” e a “prosa adversa das relações sociais”:

Se, de fato, é procedente considerar Os anos de aprendizado como paradigma do “romance de formação”, então seria forçoso esperar de qualquer outro exemplar do gênero - e não só da literatura alemã - a ocorrência, mesmo que apenas em estado latente, desses dois princípios fundamentais. (Mazzari, 2010, p.109)

No romance de Balzac, acredito que podemos considerar não um “estado latente”, mas um desdobramento da “poesia do coração” e das relações sociais através da busca existencial de cada uma das duas heroínas.

---

<sup>8</sup> “Eis como as famílias nobres da Provença sofismam o Código Civil do Sr. De Bonaparte, o qual fará com que metam no convento tantas moças nobres quantas ele fez casarem. A nobreza francesa, segundo o pouco que ouvi a respeito do assunto, está muito dividida sobre tão grave matéria.” (BALZAC, 2012, p.303)

<sup>9</sup> Todas as citações em francês são da edição do romance da Editora Gallimard: BALZAC, Honoré de. *Mémoires de deux jeunes mariées*. Paris: Gallimard, 1969. E as em português da tradução da Editora Globo: BALZAC, Honoré de. “Memórias de duas jovens esposas”. In: *A comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida privada*. São Paulo: Globo, 2012.

Aliás, num ensaio sobre *O verde Henrique*, de Gottfried Keller, Georg Lukács amplia o conceito de romance de formação, com uma menção direta ao romancista francês:

Considerado de maneira mais ampla e abstrata, quase todo romance burguês moderno e significativo contém a história de uma educação. Uma vez que os choques entre indivíduo e sociedade, uma vez que a vitória final desta (pelo menos exteriormente) constituem o conteúdo do autêntico romance, então o indivíduo tem de ser conduzido sempre à compreensão da realidade social. [...] As obras de Balzac e Stendhal são romances de educação nesse sentido mais amplo e geral.<sup>10</sup>

Vimos como a observação sobre “os choques entre indivíduo e sociedade” aplica-se à trajetória das duas jovens esposas e qual a saída que se apresenta às duas protagonistas.

A forma epistolar, exceção na *Comédia Humana*, é bastante adequada, pois propicia a confiança e permite descortinar, sem véus, com convincente naturalidade, o foro íntimo das personagens. Disto tinha consciência Balzac que declara no *Avant-Propos* da *Comédia Humana*: “A chaque oeuvre sa forme”. No prefácio da primeira edição, define o gênero epistolar como “ce mode si vrai de la pensée”, frequente no século XVIII, nos diz ele, mas agora “inusité”. Jean Rousset, mais tarde, considera-o “peut-être le dernier des véritables romans par lettres.”<sup>11</sup>(Rousset, 1979, p.101). Seguindo uma constante do gênero, Balzac confessa ter interferido só na organização e na escolha das cartas, mas “son travail ne va pas au-delà de celui du metteur en scène”<sup>12</sup> (Balzac, 1969, p.326). Quem está habituado à arte dramática sabe bem a que ponto pode ir a interferência de um *metteur en scène* sobre o texto... Podemos evocar o paradigmático romance epistolar de Laclos, *Ligações perigosas* em que o Redator também diz, no seu prefácio, ter conservado apenas as cartas necessárias para a compreensão dos acontecimentos e para a composição das personagens.

A estrutura do romance parece indicar a concentração na oposição entre as duas posições. Estendendo-se pelo período de treze anos -no início Louise tem 17 anos e ao término está com 30 anos - a narrativa está dividida em duas partes de dimensões diferentes: a primeira com 47 cartas e a segunda, com 10 cartas. Diferentemente de *Ligações perigosas* em que há vários correspondentes, neste conjunto de 57 cartas os correspondentes são escassos. Louise escreve uma carta a Felipe, seu primeiro marido, que lhe responde também uma só vez; não se trata, portanto, de uma

<sup>10</sup> MAZZARI, Marcus V. *Labirintos da aprendizagem - Pacto fãustico, romance de formação e outros temas de literatura comparada*. São Paulo, 2010, p. 148.

<sup>11</sup> “talvez o último dos verdadeiros romances epistolares”, In: ROUSSET, Jean. *Les mémoires de deux jeunes mariées*. In: *Forme et signification*. Paris: José Corti, 1979.

<sup>12</sup> “seu trabalho não vai além do de um metteur en scène” (tradução minha)

correspondência amorosa. Ele escreve uma vez ao seu irmão Don Fernand, recebendo uma resposta curta. Muito formalmente, o marido de Renée envia uma rápida missiva para participar o nascimento do primeiro filho do casal, alegando que um *faire-part* soaria frio para participar um acontecimento de tal monta. Marie Gaston, segundo marido de Louise, escreve a Daniel d'Arthez, escritor seu amigo e velho conhecido do leitor de *Ilusões perdidas*, para convidá-lo, de forma muito discreta, para ser seu padrinho; duas cartas com uma finalidade prática e pontual, embora em torno de dois acontecimentos capitais na narrativa. Na última carta, Renée conta ao seu marido os últimos dias de Louise e sua morte. Trata-se, portanto, essencialmente da correspondência entre as duas amigas, nas quais Renée aparece apenas três vezes nomeada com seu nome de solteira, Renée de Maucombe, sendo a partir daí, significativamente, Madame de l'Estorade, aquela que assumiu de forma definitiva e completa a condição de mulher casada. Na primeira parte, Louise escreve 26 cartas contra 16 de Renée; na segunda, empate de quatro a quatro.

A epistológrafa mais prolixa é certamente Louise: trinta cartas contra vinte de Renée. E se a vida da segunda é, num certo sentido, sair de um convento para entrar noutra, a da primeira segue vias bem mais movimentadas, pedindo mais espaço e elaboração no delineamento de sua formação. A carta inicial é longa, expressiva, reveladora de suas inclinações e aspirações, anunciando a vida intensa que escolheu. Louise classifica enfaticamente sua saída do convento de “minha libertação”. Lança-se imediata e intensamente na conquista de “ce monde fort désiré”<sup>13</sup> (p.36), empreitada que classifica como “minha metamorfose”.

Há que se ressaltar a liberdade e autonomia concedidas à personagem pelo seu entorno familiar. Louise passará a ocupar os apartamentos da avó, sua ligação familiar mais forte e a quem acredita dever a formação de seu temperamento. Era a avó a princesa de Vaurémont, personalidade marcante, de pensamento independente, que antes de sua partida para o convento lhe dissera: “tu seras independante et même libre de marier qui tu voudras”<sup>14</sup> (p.42); o que certamente repercute nas atitudes da jovem ao longo da vida. A mãe faz a mesma observação, deixando-a livre, mas também sozinha para se lançar no mundo. O pai indica claramente que não vai interferir na sua vida. É do mesmo teor a relação que se estabelece entre ela e sua governante inglesa Miss Griffith, em quem percebe poder mandar; comando consciente e claramente explicitado: “J'ai vu sur le champ que je gouvernerais ma gouvernante”<sup>15</sup> (p.50). De passagem, podemos observar o mesmo critério de comando nas relações de Aurélia Camargo com seu tutor, tio Lemos, num romance

<sup>13</sup> “nesse mundo tão desejado” (tradução minha)

<sup>14</sup> “serás independente e livre para casar com quem quiseres” (p.284).

<sup>15</sup> “Vi imediatamente que governaria minha governante” (p.291).

brasileiro que também não deixa de ter seu lado de romance de formação, cujo autor é confessadamente leitor de Balzac, em que a protagonista se conduz de forma muito independente para a época, estabelecendo inclusive um preço para um marido do seu agrado.

Louise dedica-se então ao que classifica “occupations sérieuses”<sup>16</sup> (p.49), sem que se consiga avaliar se o termo é usado com ironia, pois o que se segue são encontros com o luveiro, a modista, o chapeleiro, etc. O pai presta-se em colaborar, fornecendo os objetos indispensáveis para uma *jeune fille* e que merecem pelo menos um rápido olhar: *nécessaire*, leque, *ombrelle*, livro de rezas. Promete também aulas de equitação. Embora haja referência a teatros e a conhecimentos literários, a transformação concentra-se na aparência física e no que poderíamos chamar de futilidades: “Philippe [mordomo da avó e agora dela] a couru toute la journée chez les différents marchands et ouvriers qui vont être chargés de *ma métamorphose*”.<sup>17</sup> (p.48, grifo meu)

E, naturalmente, o *début* será em musseline branca, com guirlanda de rosas brancas, o que segundo ela, pode lhe conferir um “ar de madona”, ao qual aliará uma expressão meio tonta, com o que ela, espertamente, pretende conquistar as mulheres. Já circulando pelo mundo, continua a observar os procedimentos femininos:

J’ai mesuré d’un coup d’oeil le vaste champ des dissimulations femelles.<sup>18</sup>  
(p.61)

Embora palidamente e sem nenhuma perversidade, esse tipo de auto-análise tem precedentes na história literária francesa, na figura da Marquise de Merteuil, que, após a viuvez, se recolhe para se preparar para enfrentar o mundo, agora dona de seu destino, sem abrigar-se nem num convento nem na casa materna, conforme esperavam as regras sociais; elaboração também de uma formação para enfrentar o mundo, conquistando simultaneamente total independência de ação que conduz à satisfação plena dos seus desejos.

Após toda essa preparação, uma parte da formação de Louise, a da aparência e conduta no mundo social está realizada. A consciência que a personagem tem da própria metamorfose é tão lúcida que vale citá-la:

Ma chérie, me voici prête à entrer dans le monde.<sup>19</sup> (p.53, III)

<sup>16</sup> “nessas sérias ocupações” (p.290).

<sup>17</sup> “Filipe andou o dia inteiro a correr à casa dos vários fornecedores e obreiros que vão ser encarregados da minha metamorfose” (p.289-90).

<sup>18</sup> “Num relance medi o vasto campo das dissimulações femininas” (p.301).

<sup>19</sup> “minha querida, eis-me pronta para entrar na sociedade” (p.294).

O que o narrador de *O Ateneu* ouve de seu pai na abertura do romance é aqui declaração bastante consciente da própria personagem, evidenciando sua lucidez, que lhe mostra também que não é só a aparência física que merece atenção na preparação para debutar no mundo. A reflexão integra a formação e a jovem, muito observadora, repara que ninguém na casa, nem o pai, nem a mãe, nem o irmão têm como ela, dezesseis horas para se dedicar à reflexão. Mas isto não conduz forçosamente ao bom comportamento social.

Retomo e amplio a afirmativa solene e decidida da nossa debutante na língua original porque me parece que a tradução de Vidal de Oliveira, muito boa no seu conjunto, fez aqui duas pequenas modificações que, para a perspectiva do romance de formação merecem ser retomadas do francês: “Ma chérie, me voici prête à entrer dans le monde; aussi ai-je taché d’être bien folle avant de me composer pour lui. Ce matin après beaucoup d’essais, je me suis vue bien et dûment corseté, chaussée, serrée, coiffée, habillée, parée.”<sup>20</sup> (p.53)

“Monde” amplia o espaço no qual se lança Louise e, de fato, sua trajetória não se enquadra exclusivamente no âmbito da sociedade aristocrática para a qual ela se preparou com todas as adequações da moda; e, note-se, esta preparação condiz bem com “me composer pour lui”, “me compor para ele” e a sucessão “espartilhada, calçada, apertada, penteada, vestida, enfeitada” (p.294) indica mais uma composição de fachada do que com um ajustamento de comportamento social.

Mergulhando na vida social, lança-se Louise no que poderemos chamar de etapa seguinte de sua formação feminina: a busca de um amor, já descrito, impregnado de idealização e delirantes aspirações. De certa forma, sua tia do convento das carmelitas entrevira seu destino no primeiro esboço do retrato da jovem, com pinceladas premonitórias:

Dieu t’a marquée au front du sang des élus, tu as l’orgueil qui mène également au ciel et à l’enfer, mais tu as trop de noblesse pour descendre! Je te connais mieux que tu ne te connais toi-même: la passion ne sera pas chez toi ce qu’elle est chez les femmes ordinaires. <sup>21</sup> (p.36)

Chocada com a escolha de caráter essencialmente prático da amiga, que se lança de imediato num casamento, Louise dá asas aos seus delírios na sua resposta:

---

<sup>20</sup> “Minha querida, eis-me pronta para entrar na sociedade; por isso tratei de ser bem alocada antes de me ajustar a ela. Hoje de manhã, após muitos ensaios, vi-me bem e devidamente espartilhada, calçada, apertada, penteada, vestida, enfeitada.” (p.294).

<sup>21</sup> “Deus marcou-te na fronte com o sinal dos eleitos; tens o orgulho que tanto leva ao céu como ao inferno, mas tens demasiada nobreza para descer! Conheço-te melhor do que tu a ti mesma: a paixão em ti não será o que é nas mulheres comuns.” (p.278).



A votre place, j'aimerais mieux aller me promener aux îles d'Hyères en caïque, jusqu'à ce qu'un corsaire algérien m'enlevât et me vendît au grand seigneur; je deviendrais sultane<sup>22</sup> (p.75)

Suas sugestões são inverossímeis, desprovidas de realidade. Há ainda que se notar o toque de orientalismo que impregna os sonhos de Louise, como atestado final de fantasias, inseridas no romantismo da época.

Não é, pois, de se estranhar que Louise não se interesse por nenhum dos moços casadouros com que cruza socialmente, achando todos os olhares muitos “pálidos”. E eis que, de repente, um “intruso” interpõe-se na correspondência das duas moças. Se não é oriental, vem de terras de Espanha, tem sangue mouro, passado de guerras e aventuras, aspira a um doce amor com que não lhe agraciou o destino. O destino reúne as duas almas românticas:

Nous avons pour maître un pauvre réfugié forcé de se cacher à cause de sa participation à la révolution que le duc d'Angoulême est allé vaincre; succés au quel nous avons dû de belles fêtes. Quoique libéral et sans doute bourgeois, cet homme m'a intéressée: je me suis imaginé qu'il était condamné à mort. <sup>23</sup> (p.82)

O pai confirma –sorrindo– a impressão da filha, quatro cartas depois, atribuindo ao “pobre mestre” seu atual título de nobreza: barão de Macumer. O “condenado à morte” é uma espécie de emblema, cujo rastro pode ser seguido na literatura romântica francesa, antes e depois do romance de Balzac. Em *Le rouge et le noir* (1830), Mathilde de la Mole, sufocada de tédio no meio aristocrático que freqüentava, fica fascinada pelo conde de Altamira que fora condenado à morte em seu país: parece-lhe ser a única coisa que distingue um homem, pois é a única coisa que não pode ser comprada. E, pouco depois, em 1845, encontramos a rainha Margot, no romance homônimo de Alexandre Dumas, indo buscar a cabeça decapitada de seu amante, La Mole, para colocá-la num saco perfumado e bordado de pérolas.

\*\*\*

Enquanto uma se aparata para entrar na vida mundana e social, descrevendo sua “metamorfose” em uma longa carta, que começa em

<sup>22</sup> “Em teu lugar, eu preferiria ir passear pelas ilhas de Hyères num caïque, até que um corsário argelino me raptasse e me vendesse ao grão-turco; tornar-me-ia sultana.” (p.314)

<sup>23</sup> “Temos como professor de espanhol um pobre refugiado forçado a esconder-se por causa da sua participação na revolução que o duque de Angoulême foi vencer, sucesso ao qual devemos belas festas. Embora liberal e, sem dúvida, burguês, esse homem me interessou: imaginei que ele fora condenado à morte.” (Carta VIII) p.320

setembro e termina em 15 de dezembro, o que acontece com sua correspondente?

A sua primeira carta é a quinta, a única em que assina o nome de solteira, Renée de Maucombe. Depois da descrição detalhada do *début* de Louise, Renée explana sua trajetória numa só missiva, em que expressa claramente um desejo de segurança.

Renée não teve sua iniciação no mundo social parisiense e segue uma direção de formação bastante diferente da amiga; sua formação se faz no lar, na criação dos filhos, aprendendo a administrar com economia a casa e a organizar o patrimônio.

Depois de acompanhar os relacionamentos de Louise e a descrição de seus dois maridos, não se pode deixar de lado a descrição do marido de Renée, Louis de l'Estorade que, feito prisioneiro nas guerras napoleônicas, volta para a França a pé, através da Rússia, Polônia e Alemanha:

L'exilé, ma chère mignonne, est comme une grille, bien maigre! Il est pâle, il a souffert, il est taciturne. A trente-sept ans [Renée tem 17 anos], il a l'air d'en avoir cinquante. L'ébène de ses ex-beaux cheveux de jeune homme est mélangé de blanc comme l'aile d'une alouette. Ses beaux yeux bleus sont caves; il est un peu sourd, ce qui le fait ressembler au chevalier de la Triste Figure;<sup>24</sup> (p.65)

Uma descrição que se insere na vasta galeria de retratos cruelmente realistas de Balzac, ao lado de Gobseck, père Séchard, ou mesmo de Madame Vauquer. O adjetivo “beaux” – positivo – é empregado duas vezes, mas imediatamente demolido pela descrição que se segue e relegado ao passado: “ex-beaux”.

Digamos que a descrição da candidata não é empolgada, é antes de uma implacável lucidez, irônica, radicalmente oposta aos enlevos das noivinhas românticas. O que motiva então a interlocutora da exaltada Louise?

Continuemos a citação interrompida num ponto e vírgula para entender a opção da jovem esposa, que engata numa mesma frase a descrição do marido e as condições materiais do casamento:

; néanmoins, j'ai consenti gracieusement à devenir madame de l'Estorade, et à me laisser doter de deux cent cinquante mille livres, mais à la condition expresse d'être maîtresse d'arranger la bastide et d'y faire un parc.<sup>25</sup> (p.65)

<sup>24</sup> “O exilado, querida mimosa, é como a grade, bem magro! É pálido, sofreu, é taciturno. Aos trinta e sete anos, parece ter cinqüenta. O ébano dos seus ex-bonitos cabelos de rapaz está mesclado de branco como a asa de uma cotovia. Seus belos olhos azuis são encovados; é um pouco surdo, o que o faz parecer-se com o cavaleiro da Triste Figura;” (p.304)

<sup>25</sup> “; não obstante consenti graciosamente em me tornar sra. de l'Estorade, em me deixar dotar com duzentos e cinqüenta mil libras, mas com a condição expressa de reformar o bastião e de

Uma boa renda e as rédeas da propriedade são suas condições, o que ela deixa bem claro para o futuro sogro. Em toda a *Comédia humana*, não há praticamente personagem que não tenha sua renda declarada, com maior precisão do que junto ao fisco. A personagem que opta pelo casamento de conveniência não o faz tão ingenuamente quanto seria de se supor, considerando-se sua saída recente do convento. Arlette Michel<sup>26</sup>, crítica que estuda especialmente o tema do casamento em Balzac, pergunta-se por qual educação estão preparadas essas duas jovens, lançadas na vida aos 17 anos, quase todos passados num convento. Cabe a pergunta formulada por ela, mas parece-me interessante colocá-la de outra perspectiva: como esta personagem diretamente saída de um convento consegue se posicionar com uma visão tão arguta da sociedade francesa da Restauração, com conhecimento inclusive sobre o Código civil de Napoleão? A lucidez e o senso prático de Renée sobrepõem-se ao perfil de moça que saiu do convento, carreando ideias que entenderemos melhor se as atribuirmos ao autor.

Sua formação dar-se-á quanto à sua conduta de mulher casada que orienta o marido na vida política e diplomática, ditada em grande parte pelas ambições de projeção social que tem em relação à sua família. Como se pode ver, uma personagem muito balzaquiana.

Já assinando Madame de l'Estorade (Carta IX), afirma que "Ma vie est déterminée. La certitude d'aller dans un chemin tracé convient également à mon esprit et à mon caractère."<sup>27</sup> (p.85)

E também as razões que a levam ao casamento não coincidem com as de Louise: "J'ai mieux aimé être mariée à M. de L'Estorade que de retourner au couvent. Voilà qui est clair."<sup>28</sup> (p.103), dirá mais tarde. Confessando-se resignada, declara que vai tirar o melhor partido possível da situação. E a descrição do seu casamento, bastante objetiva e pouco sentimental é, sobretudo, uma declaração prática e objetiva de posses, a gosto de muitas personagens balzaquianas: empregados satisfeitos, cavalos ingleses, coupé, tálburi, um sogro que, para agradá-la, deixou de lado a avareza e passou a se vestir segundo os costumes contemporâneos. Tudo já estava previsto e sem expectativas de mudanças: "Je sais déjà par avance l'histoire de ma vie"<sup>29</sup> (p.67). Muito similar à forma como Louise se refere à vida de uma carmelita: "Cette vie monotone où chaque heure

---

fazer um parque. Exigi formalmente de meu pai que me concedesse um filete de água, que poderá vir de Maucombe até aqui." (p.304)

<sup>26</sup> Ver: MICHEL, Arlette. Introduction. In: Mémoires de deux jeunes mariées. Paris: Garnier-Flammarion, 1979, pp.19-47.

<sup>27</sup> "Minha vida está agora determinada. A certeza de seguir por um caminho traçado convém igualmente ao meu espírito e ao meu caráter" (p.324)

<sup>28</sup> "Preferi desposar Luís de l'Estorade a voltar para o convento. Isso é claro." (p.341)

<sup>29</sup> "Já sei de antemão a história da minha vida" (p.305)

amène un devoir, une prière, un travail, si exactement les mêmes, qu'en tous lieux on peut dire ce que fait une carmélite à telle ou telle heure du jour ou de la nuit"<sup>30</sup> (p.34). Na descrição que faz do seu casamento para a amiga emprega sempre o futuro na antevisão do que será sua vida, ratificando mais tarde essa visão ao defini-la "comme une grande route par un jour sans soleil"<sup>31</sup> (p.140).

Renée deixa de lado, aparentemente com segurança e tranqüilidade, as fantasias:

Adieu donc pour moi du moins, les romans et les situations bizarres dont nous nous faisons les heroïnes.<sup>32</sup> (p.67)

E as fantasias são, desde essa época, apoiadas em leituras que entram sorradeiras nos conventos; perspectiva que se solidificará com a formação romântica de Emma Bovary, devorando romances que a solteirona de família aristocrática falida levava nos bolsos e passava para as moças; romances que "n'étaient qu'amours, amants, amantes, dames persecutées s'évanouissant"<sup>33</sup> etc, etc, citando só o começo da sequência de delírios românticos que povoavam a imaginação de Emma.

Mais uma vez a clarividência de Renée, que assimila outros modelos, se faz presente e ela compara as leituras das duas: Louise lê *Corinne* e ela, Bonald.

*Corinne*, de Madame de Staël, é um romance tido como "cosmopolita e europeu"; acrescentemos um romance romântico, cuja heroína é uma poeta que abre o debate sobre a condição feminina, reflete, como crítica, sobre as diversas artes, protagoniza uma relação amorosa e está deslocada socialmente. É identificada com frequência à própria autora; e serve, em parte, de modelo a Louise.

Visconde Louis de Bonald, autor apreciado por Balzac, é um pensador católico, contra-revolucionário e anti-iluminista. Exilado na Alemanha, escreve livros de combate ao ideário da Revolução Francesa, visando em especial Rousseau e Montesquieu.

A distância entre as leituras é bastante significativa. Acrescentemos que enquanto o pai de Louise a equipou com todos os itens necessários para compor a aparência de uma jovem da aristocracia, o pai de Renée a fez ler Bonald que, segundo a moça, é um escritor sério, de convicções

---

<sup>30</sup> "Aquela vida monótona em que cada hora traz um dever, uma prece, um trabalho, tão exatamente os mesmos, que em toda parte se pode dizer o que uma carmelita faz a tal ou qual hora do dia ou da noite" (p.276)

<sup>31</sup> "como uma estrada real num dia sem sol" (p.373). Há uma incorreção na tradução que diz: "de sol"

<sup>32</sup> "Adeus, pois, pelo menos para mim, aos romances e às situações estranhas de que no imaginávamos as heroínas." (p.305)

<sup>33</sup> "eram só amores, amantes, damas perseguidas desmaiando" (tradução minha)

profundas, herdeiro de Bossuet. Tiveram uma mesma formação no convento, mas as famílias dirigiram-nas de forma diferente, uma inserida na aristocracia parisiense, outra na província. O que, em parte, explica as trajetórias e aspirações diferenciadas.

Mas essas certezas e a segurança material não impedem que Renée faça suas reflexões isolada, ao pé de um rochedo do parque, propiciando controladas reflexões, como uma dona-de-casa clariciana, que afasta, prudentemente, aberturas para uma epifania. Fantasias, ela as viverá através da amiga, atribuindo-lhe o papel romanesco na sua vida. Este tom fraternalmente conciliatório e resignado, delegando à amiga uma parte de sua existência, deixa, em vários outros momentos, escapar suspiros de frustrações.

Praticamente no centro do romance, após acompanharmos todos os movimentos amorosos de Louise, o cotidiano doméstico de Renée avoluma-se, ocupa toda a carta XXXI, manifestando-se de forma transparente: “me vi metamorfoseada em mãe feliz” (p.418)

A carta relata o fim da gravidez de Renée, do parto ao aleitamento, detalhadamente, com seus aspectos fisiológicos e a ternura que a mãe sente crescer pelo filho, de forma surpreendente; mais surpreendente se pensarmos que a maternidade é retratada por um homem e solteirão... As opiniões divergem sobre este aspecto do romance. Mais de um crítico considerou de mau gosto o realismo excessivamente cru desse relato. Outros apreciam, como Jean Rousset, que, no seu curto texto sobre o romance, classifica essas páginas como “extraordinários momentos líricos” (Rousset, 1979, p.102). É preciso considerar que Renée apresenta a maternidade como talvez o único momento de conjunção entre as leis da Natureza e as da Sociedade para a mulher, o que nos remete às idéias expostas no *Avant-Propos* da *Comédia Humana* e a preocupações de Balzac.

George Sand, a quem o livro é dedicado, faz uma observação conclusiva a respeito da pintura do sentimento materno:

[...] il faut, mon cher, que vous ayez, suivant les idées de Leroux, un souvenir d'existence antérieure où vous auriez été femme et mère.<sup>34</sup> (Balzac, 1969, p.330)

Uma incursão biográfica talvez ajude a entender um pouco como o solteirão Balzac conseguiu traçar um retrato da maternidade tão intenso e fiel. A explicação seria –até certo ponto – a longa convivência com a amiga Zulma Carraud, ela mesma, como a Renée do romance, casada com um homem bem mais velho, traumatizado pela vivência das guerras napoleônicas, durante as quais fora feito prisioneiro.

---

<sup>34</sup> “[...] é preciso, meu caro, que você tenha, segundo as ideias de Leroux, uma lembrança de vidas passadas em que você teria sido mulher e mãe.” (tradução minha)

A mesma George Sand acrescenta outro comentário para o qual devemos atentar, considerando-se o amplo espectro dos temas e assuntos da *Comédia Humana*:

Après tout vous savez tant de choses que personne ne sait.<sup>35</sup>

Na carta LI, na segunda parte do romance, após o casamento de Louise com Marie Gaston e um silêncio de dois anos da amiga, Renée faz um balanço da sua vida e seus planos para o futuro dos filhos, que ela chama de “sages calculs” (p.262) e que revelam o viés sociológico do romance balzaquiano. O mais velho destina-se à política e terá a maior parte da herança; o caçula deverá se encaminhar para a marinha e fará um casamento rico, igualando-se então sua fortuna à do irmão. Os filhos são louvados com qualidades inegaláveis e *tout va bien au meilleur des mondes...* No entanto, a mãe exultante precisa ressaltar que os filhos a cumulam de alegrias como se soubessem os sacrifícios que ela fêz por eles e que isto supera a perda de todos os amores que poderia ter tido. Cabe perguntar: estará ela tão convicta de sua opção para ter que proclamá-la de forma tão reiterada? A quem tenta convencer?

A diferença entre as duas, explicitada de passagem nas primeiras cartas por Renée, toma um formato mais consistente após a vivência de dez anos:

De nous deux, je suis un peu la Raison comme tu es l’Imagination; je suis le grave Devoir comme tu es le fol Amour. Ce contraste d’esprit n’existait que pour nous deux, le sort s’est plu à le continuer dans nos destinées.<sup>36</sup> (p.206)

\*\*\*

A partir do casamento de conveniência de Renée e do envolvimento de Louise com Felipe de Henares, que desemboca num casamento passional em ambiente bastante parisiense e mundano, a correspondência entre as duas agora jovens esposas, completando suas respectivas formações na sociedade e no mundo, passa a girar em torno das duas escolhas diferentes, diametralmente opostas e de incessantes cobranças mútuas, que, numa certa medida, questionam as respectivas escolhas.

O confronto se delineia de forma bastante evidente a partir da carta IX, quando Renée começa a fazer uma avaliação do seu recente casamento e a levantar uma das questões fundamentais discutidas no romance: a

<sup>35</sup> “No fim das contas, o senhor sabe tantas coisas que ninguém sabe” (tradução minha)

<sup>36</sup> “Das duas eu sou um pouco a Razão, como tu és a Imaginação; eu sou o grave Dever, como tu és o louco Amor. Esse contraste de espírito não existia senão para nós duas, à sorte aprouve continuá-lo nos nossos destinos.” (p.432).

opção entre casamento e paixão, maternidade e amor: “la loi naturelle et le code sont ennemis”<sup>37</sup> (p.129)

Há momentos em que o confronto das duas posições é explicitado:

Entre nous deux qui a tort, qui a raison? Peut-être avons nous également tort et raison toutes deux, et peut-être la société nous vend-elle fort cher nos dentelles, nos titres, nos enfants! <sup>38</sup> (p.131)

Mesmo no auge da alegria, que é difícil avaliar até que ponto é real ou aparente, Renée deixa escapar gritos de protesto contra a necessidade de silenciar o “instinto das coisas sublimes” (carta IX). Não consegue deixar de lado a comparação com a vida da amiga e a ostentar as vantagens da sua vida em relação à de Louise; e esta, por sua vez, vangloria-se incessantemente de sua intensa vida amorosa.

A argumentação de Renée reveste-se ainda de um caráter filosófico:

Si l’amour est la vie du monde, pourquoi d’austères philosophes le suppriment-ils dans le mariage? Pourquoi la Société prend-elle pour loi suprême de sacrifier la Femme à la Famille en créant ainsi nécessairement une lutte sourde au sein du mariage? <sup>39</sup> (p.138)

Ao que a amiga retruca, contrapondo-se frontalmente, que ela vive com muito amor e pouca filosofia, ao contrário de Renée e que prefere os tumultos do coração a uma vida medida e calculada.

As cartas estão recheadas de expressões do gênero “meu anjo”, “minha querida”, “minha bela corça”, “querida mimosa” e outras mais. Mas, defendendo posições tão opostas, meio a cobranças incisivas e críticas mútuas e acerbas, o leitor se pergunta sobre a ambiguidade das relações entre os dois “anjos”, que deixa aflorar uma concorrência acirrada. Não é de se estranhar, pois, que num determinado momento haja uma explosão de agressividade. E isto se dá na carta XXXV, durante a visita que Louise faz para conhecer o filho de Renée, único momento do romance em que as duas se encontram pessoalmente. A visitante parte bruscamente, sem se despedir e explica por carta, “carta odiosa”, segundo Renée, a razão da partida: ciúmes do marido e da amiga. Como em outros momentos, uma desequilibra-se e a outra mantém o controle de suas emoções.

A partir desse momento a narrativa toma um ritmo diferente e acelera-se, quase impaciente: o marido de Louise morre, ela se casa outra

<sup>37</sup> “A lei natural e o código são dois inimigos” (p.363)

<sup>38</sup> “Das duas, quem tem razão, quem está errada? É bem possível que ambas estejamos em erro e tenhamos razão, e possivelmente a sociedade nos vende muito caro os nossos enfeites, os nossos títulos, nossos filhos!” (p.365)

<sup>39</sup> “Se o amor é a vida do mundo, por que motivos filósofos austeros o suprimem do casamento? Por que a sociedade torna por lei suprema sacrificar a mulher à família, criando por essa forma, necessariamente, uma luta surda no seio do casamento?” (Carta XX). (p.371)

vez; Renée tem mais dois filhos, seu marido ascende na política. O segundo marido de Louise é poeta e mais moço do que ela. Consumida de ciúmes, numa outra atitude tresloucada, ela apanha frio à noite, acaba doente e morre. Por que o ritmo agora desabrido? A questão fundamental já fora satisfatoriamente colocada: o embate entre a natureza e o código social, o amor e o casamento. A narrativa parte dessas duas formações diferentes que permitem ao romancista discutir as questões que o interessavam.

A paixão desenfreada de Louise insere-se na formação acentuadamente romântica do primeiro Balzac e estabelece um contraste com as preocupações biológicas, fisiológicas que produzem quase completo recalque do sonho e do emocional.

Marcus Mazzari, (2010) em seu estudo sobre as várias definições do romance de formação, mostra que Morgenstern leva em consideração a temática do romance e também “sua função social”.

Se o romance de formação deve, numa certa medida, repercutir na “formação do leitor”, qual a posição de Balzac diante dessas duas trajetórias tão diferentes?

No desenlace, a partidária do amor paixão sucumbe depois de dois amores que, por razões diferentes, desembocam na morte e a partidária do casamento alcança seus objetivos de estruturação social da família. Parece ser esta a opção que retumba vitoriosa.

A primeira carta é de Louise, a última é de Renée, como a confirmar a vitória da sua opção. Qual o sentido oculto do grito pungente do final do romance em que face à amiga morta, desesperada, pede para ver os filhos, como se fossem uma tábua de salvação?

As declarações de Balzac paralelas ao romance não parecem endossar a opção vitoriosa de Renée. Em carta de março de 1835 a Madame Hanska, quando a obra ainda projetava-se em torno de uma única personagem, pronuncia-se com ironia:

J'ai à faire les *Mémoires d'une jeune mariée*, un ouvrage en filigrane qui sera une merveille pour ces petites femmes que les ailes de Séraphita trouveront incompréhensives.<sup>40</sup> (BALZAC, 1969, p.318)

George Sand comove-se com as atitudes da mãe, o que não a impede de fechar uma carta sobre o romance de forma diferente:

---

<sup>40</sup> “Vou escrever as Memórias de uma jovem esposa, um trabalho em filigrana que será uma maravilha para as mulherzinhas que acharam incompreensíveis as asas de Sérafitita.” (tradução minha)



*J'admire celle qui procréé, mais j'adore [sic] celle qui meurt d'amour. Voilà tout ce que vous avez prouvé et c'est plus que vous n'avez voulu.*<sup>41</sup> (Balzac, 1969, p.330)

A posição de Balzac em relação à questão que se propõe a discutir é bastante ambígua. No romance, a trajetória de Louise é marcada pelo fracasso, conferindo vitória às posições e previsões de Renée. Por outro lado, o autor dedica-o a George Sand, cuja existência, digamos, pouco tem a ver com a trajetória racional de Renée. Ao receber a homenagem, a escritora, em carta provavelmente de fevereiro de 1842, expressou sua opinião.

Sem tardar, Balzac respondeu, em frase antológica sobre as duas personagens:

*Soyez tranquille, nous sommes du même avis, j'aimerais mieux être tué par Louise que de vivre longtemps avec Renée*<sup>42</sup>. (Balzac, p. 321)

Observação que pode deixar o leitor contrafeito e em dúvida sobre qual formação endossada pelo escritor: os arroubos do coração ou a estrada aplainada das convenções sociais? Ou, nos termos colocados pelo romance: deve-se seguir a natureza ou o código social? Na filosofia de Renée encontramos brechas que questionam sua própria opção que aparece como vitoriosa em seus propósitos.

Mesmo sendo Balzac um defensor do casamento, tal posição não impede que seja também seduzido pela paixão, ficando difícil conciliar as opções antagônicas de suas duas personagens. Esta posição ambivalente – ou por isso mesmo – confere especial relevo a essas duas formações que, desembocando em destinos opostos, recolocam questões que continuam atuais. E o que nosso escritor propõe talvez não seja uma escolha categórica, mas uma reflexão sobre o casamento burguês e a paixão.

**Gloria Carneiro do Amaral** é graduada em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo (1970); mestre em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo (1976); doutora em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo (1989); Livre-docente em Letras pela Universidade de São Paulo (2006). Professora livre-docente aposentada da Universidade de São Paulo, atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas e Literatura Comparada. É pesquisadora principalmente nas seguintes áreas: literatura comparada, literatura brasileira e francesa.

<sup>41</sup> “Admiro a que procria, mas adoro a que morre de amor. Eis o que o senhor provou e é mais do que o que o senhor tinha querido.” (tradução minha)

<sup>42</sup> “Fique tranqüila, somos da mesma opinião, eu preferiria ser morto por Louise do que viver muito tempo com Renée” (tradução minha)